

PAULA SEQUEIROS  
MARIA JOSÉ CARVALHO  
GRAÇA CAPINHA  
(ORGS.)

# A INVESTIGAÇÃO E A ESCRITA

## PUBLICAR SEM PERECER



IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

*A Investigação e a Escrita: Publicar sem Perecer* é uma coletânea publicada em Português, a partir de uma experiência de cinco anos de formação avançada extracurricular (*Publicar sem Perecer: Sobreviver ao Turbilhão*), em literacia da informação, escrita e publicação científica.

Esta é uma reflexão e uma problematização do que deve ser o papel da ciência num contexto que, cada vez mais, parece querer reproduzir na academia o mercantilismo de índole neoliberal. Aqui se lê a colaboração de autorias nacionais e internacionais que consideram uma diversidade de campos teóricos e empíricos sobre o fenómeno.

Esta obra pretende ser um contributo para identificar e questionar os problemas daí resultantes, tentando apontar algumas soluções para o mal-estar crescente que se vive no mundo académico.



I N V E S T I G A Ç Ã O



**EDIÇÃO**

Imprensa da Universidade de Coimbra  
Email: imprensa@uc.pt  
URL: [http://www.uc.pt/imprensa\\_uc](http://www.uc.pt/imprensa_uc)  
Vendas online: <http://livrariadaimprensa.uc.pt>

**COORDENAÇÃO EDITORIAL**

Imprensa da Universidade de Coimbra

**CONCEÇÃO GRÁFICA**

Imprensa da Universidade de Coimbra

**IMAGEM DA CAPA**

Imagem inspirada na ilustração de Demirel Selçuk, disponível em:  
<http://bibliotecasemrede.blogspot.pt/2010/12/turbilhao-de-ideias.html>

**INFOGRAFIA**

Mickael Silva

**EXECUÇÃO GRÁFICA**

Tipografia Beira Alta, Lda.

**ISBN**

978-989-26-2155-5

**ISBN DIGITAL**

978-989-26-2156-2

**DOI**

<https://doi.org/10.14195/978-989-26-2156-2>

**DEPÓSITO LEGAL**

492398/21

**OBRA PUBLICADA COM O APOIO DE**



Centro de Estudos Sociais  
Universidade de Coimbra



Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia



PAULA SEQUEIROS  
MARIA JOSÉ CARVALHO  
GRAÇA CAPINHA  
(ORGS.)

# A INVESTIGAÇÃO E A ESCRITA

PUBLICAR SEM PERECER

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

COMISSÃO CIENTÍFICA

Angélica Lyra de Araújo, Univ. Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Eliezer Araújo, Universidade de Aveiro  
Ana Raquel Fernandes, Universidade Europeia  
Marinela Freitas, Universidade do Porto  
Tânia Leão, Universidade do Porto  
Maria Beatriz Marques, Universidade de Coimbra  
Hugo Monteiro, Instituto Politécnico do Porto  
Cristina Parente, Universidade do Porto  
Marleide Rodrigues da Silva Perrude, Univ. Estadual de Londrina  
Rogério Miguel Puga, Universidade Nova de Lisboa  
Manuel João Rodrigues Quartilho, Universidade de Coimbra  
João Queirós, Instituto Politécnico do Porto  
Armando Malheiro da Silva, Universidade do Porto  
Hermínia Sol, Instituto Politécnico de Tomar  
Luciana Melo e Souza, Universidade Federal da Bahia  
Inês Pedro Vicente, Universidade Nova de Lisboa  
Zuzanna Zarebska, Universidade de Lisboa

## SUMÁRIO

Introdução.....	9
<i>Paula Sequeiros, Maria José Paiva Fernandes Carvalho, Graça Capinha</i>	
I - Políticas da Informação e da Disseminação:	
conceitos, acessos, desigualdades .....	17
Palavras como flores, conceitos como cercas: literacia da informação, desigualdades sociais no ensino superior.....	19
<i>Paula Sequeiros</i>	
Repositório institucional acadêmico da UC e políticas de acesso aberto.....	45
<i>Ana Eva Miguéis</i>	
II - O Ciclo «Publicar em Perecer»:	
o exercício da escuta na aprendizagem e na escrita.....	69
Curso «Publicar sem Perecer»: produção de saberes para uma escrita científica crítica e reflexiva .....	71
<i>Margarida de Cássia Campos, Marília Veríssimo Veronese</i>	
O Processo da escrita acadêmica: imersão, aprendizagens e desafios .....	91
<i>Fátima Valéria Ferreira de Souza, Otto Vinicius Agra Figueiredo</i>	
<i>Another brick (against) the wall:</i> o produtivismo acadêmico e a iniciativa «Publicar sem Perecer: sobrevivendo ao turbilhão».....	109
<i>Fernando Laércio Silva, Roberta Guerra</i>	

III - Bibliotecas Académicas:	
o seu papel na expansão da formação para a produção científica.....	131
Bibliotecas universitárias:	
atendimento humanizado e a Biblioteca Norte Sul .....	133
<i>Maria José Paiva Fernandes Carvalho</i>	
Ateliê dos saberes: o que esperar de uma biblioteca? .....	161
<i>Rachel Carvalho</i>	
O papel dos gestores de referências bibliográficas	
na produção científica .....	177
<i>Francisco Freitas</i>	
IV - Consolidação de Saberes. Inscrição e distorção.....	195
Investigação, inscrição, publicação .....	197
<i>João Arriscado Nunes</i>	
Oferta e procura de investigadores doutorados:	
distorções no Sistema Científico e Tecnológico português .....	215
<i>Andrés Spognardi, Ana Raquel Matos</i>	
V - Literacias Multilíngues.....	249
Práticas de comunicação científica intercultural na	
capacitação de doutorandos para a academia internacional.....	251
<i>Patrícia Silva</i>	
Algumas reflexões sobre o ensino de escrita académica em inglês ....	271
<i>Kate Torkington</i>	
VI - Desassossegos na Investigação .....	295
Ser «jovem» cientista social sem perecer na academia-turbilhão .....	297
<i>Rita Alcaire, Rita Grácio</i>	
Saúde mental na academia.....	323
<i>Marco Pereira</i>	
VII - Escrita Académica: normas e insubordinações.....	341



Para uma Ciência Parda: uma escrita conform(e)/ada .....	343
<i>Graça Capinba</i>	
Na senda da voz autoral:	
conformidade, adaptação, questionamento e transgressão .....	359
<i>Joana Vieira Santos</i>	
Na fronteira das palavras: a ciência, as histórias e os públicos.....	399
<i>Rita Campos</i>	

(Página deixada propositadamente em branco)

## INVESTIGAÇÃO, INSCRIÇÃO, PUBLICAÇÃO

João Arriscado Nunes  
Centro de Estudos Sociais e Faculdade de Economia  
Universidade de Coimbra  
jan@ces.uc.pt

### Resumo

Os textos científicos são o ponto de chegada de uma cadeia de inscrições que permite criar um conjunto de traços e de marcas para além dos documentos escritos e representações gráficas que sustentam e documentam a história de um projeto de investigação e as suas publicações. Este capítulo discute as condições de produção de textos que procuram satisfazer as exigências de forma, estilo, conteúdo, argumentação e prova próprias dos textos científicos e académicos, mas também as possibilidades de inovação que se abrem na relação entre a atividade de investigação e a produção textual.

**Palavras-Chave:** Investigação; inscrição; escrita; heterogeneidade; coerência fraccional

### Abstract

Scientific texts appear at the end of a chain of inscriptions which generates a trail of clues and marks beyond written documents and graphic representations. These support and document the making of research projects and their publications. This chapter discusses the conditions under which the production of texts

addresses the requirements of form, style, content, argument and evidence associated with scientific and academic texts, but also the possibilities of innovation that emerge from the interplay of research activities and the production of texts.

**Keywords:** Research; inscription; writing; heterogeneity; fractional coherence

Em *De la Grammatologie*, uma das suas obras mais influentes, Jacques Derrida afirmava que a «escrita significa inscrição e, primeiro que tudo, instituição durável de um signo..., o único núcleo irreduzível do conceito de escrita», uma forma de ‘traço instituído’<sup>1</sup> (Derrida, 1967: 65, 68).

Recorrendo aos termos de Derrida, e como tem sido demonstrado desde há várias décadas através de um *corpus* substancial e sempre em crescimento de contribuições para os Estudos de Ciência, Tecnologia e Sociedade, podemos caracterizar a produção de conhecimento como correspondendo a uma cadeia de inscrições — notas, gráficos, imagens, textos e fragmentos de textos — que, no seu ponto de chegada, assumem a forma de textos que podem ser classificados em vários géneros — artigo científico, livro, capítulo de livro, comunicação a reunião científica, publicação em atas de congressos, revisões do estado da arte numa área científica ou disciplina, revisão crítica, comentário, ensaio, pedido de patente, livro ou artigo de divulgação, manual.

Cada um dos géneros obedece a um conjunto de normas de elaboração e apresentação, de linguagem ou de estilo que procuram responder a diferentes públicos ou leitores. A valorização e o prestígio relativos dos vários géneros têm variado ao longo do

---

<sup>1</sup> Tradução própria deste excerto e seguintes.

tempo, dependendo igualmente, em cada momento, do contexto disciplinar, das métricas de avaliação da produção científica em vigor, de exigências associadas às carreiras científicas e de investigação, ou das formas de extensão, divulgação ou popularização mais procuradas por públicos não-acadêmicos. O género atualmente mais valorizado é o artigo científico publicado em revistas que são indexadas em bases de dados que permitem a produção de índices relativos ao volume de publicação de investigadores, equipas, instituições ou consórcios, mas igualmente o fator de impacto da publicação em que aparece o artigo e o impacto na área científica em causa através da frequência com que cada artigo é citado por outros artigos de outros autores.

Se o artigo é hoje a forma dominante de publicação da produção científica, nem sempre, porém, foi esse o caso, e nem todas as áreas ou disciplinas conferem ao artigo esse estatuto privilegiado enquanto género, mesmo quando, por razões associadas a exigências de avaliação, de candidatura a financiamentos ou de oportunidades de publicação, acabam por lhe atribuir um peso crescente.

É importante notar, contudo, que a produção de conhecimento, como veremos mais adiante, pode também gerar formas de inscrição que não passam pelos modelos e padrões estabelecidos pelas instituições ligadas à produção científica e académica ou pelo mercado editorial. E não estamos a considerar aqui apenas os meios de comunicação social, as redes sociais e as plataformas, e as diferentes formas de apresentar, comunicar ou, em muitos casos, suscitar controvérsias em torno do conhecimento científico e académico e da produção intelectual. É particularmente significativa, hoje, a riqueza de formas de produção, circulação e partilha de conhecimento que mobilizam outras possibilidades de conferir visibilidade e de afirmar a validade e relevância de conhecimentos que estão para além dos limites e critérios estabelecidos pelas monoculturas — e pelos limites ao pluralismo interno que admitem — em que são

ancorados os conhecimentos certificados pelas instituições científicas e acadêmicas (Santos, 2018).

Não é possível, no espaço deste capítulo, abordar todas as manifestações e implicações tanto dos constrangimentos referidos como do espaço de diversidade que, apesar de tudo, pode ser explorado no domínio da produção acadêmica de conhecimento. A discussão que se segue será, assim, nos limites e possibilidades que se apresentam à produção de textos acadêmicos e científicos que procuram satisfazer as condições de obtenção de graus acadêmicos avançados, como o doutoramento, ou as exigências de produtividade associadas a carreiras científicas e acadêmicas, e, em particular, a relação entre a atividade de investigação e a produção de teses e de artigos científicos.

### **Inscrições, cadeias de inscrições e relatos da atividade científica**

A produção de textos científicos corresponde a um momento — ou a diferentes momentos — numa cadeia de inscrições que permite, como acontece com o rastreamento de casos em situações de epidemia, criar um conjunto de traços e de marcas que assinalam a trajetória da investigação (Latour e Woolgar, 1986; Latour, 1999; Griesemer, 2015). Mas é importante não confundir essas inscrições com os documentos escritos e as representações gráficas que vão marcando a história de um projeto de investigação, e, em particular, a sua história oficial, a que irá resultar em artigos, relatórios, livros e outras publicações.

Nem todas as cadeias de inscrição são idênticas. Elas aparecem de maneira diferente nas ciências centradas no laboratório e nas ciências centradas no campo, nas ciências históricas e na investigação etnográfica. Entre o que o historiador Carlo Ginzburg (1986, 1999) descreveu como a distinção entre as ciências do indício, do traço e da pista e as ciências da prova, as inscrições produzidas pelo tra-

balho de investigação e pela produção de relatos desta apresentam uma diversidade que convida a considerar mais de perto a relação entre inscrição e escrita.

Mesmo quando assumem a forma de textos, nem todas as inscrições são igualmente reconhecidas ou legitimadas como textos científicos pelas instâncias que têm autoridade para o fazer. Elas têm de corresponder a um de entre os vários gêneros próprios da produção científica acima mencionados, mas também respeitar normas relativas à definição de autoria/propriedade intelectual e passar por um processo de seleção, geralmente através de alguma forma de avaliação pelos pares (o que, por sua vez, implica definir quem pode ser incluído nessa categoria e quais as modalidades e critérios dessa avaliação). Este processo é um momento crucial de afirmação de um poder de legitimação do que conta como conhecimento, mas também de exclusão e de invisibilização de enunciados ou argumentos.

O gênero que ocupa o lugar central na produção científica é o artigo sujeito a revisão pelos pares e publicado em revistas incluídas em diferentes índices, que as classificam de acordo com o seu fator de impacto. O número de citações de cada artigo no universo das revistas indexadas está na base da métrica de determinação do valor da produção científica do(s) seu(s) autores. Esta centralidade do artigo não exclui a relevância de outros gêneros, como a monografia, o ensaio, o capítulo de livro ou a publicação em atas de reuniões científicas, e a sua importância relativa tem variado ao longo do tempo e conforme o contexto disciplinar ou a área científica. Nas ciências sociais, essa centralidade tem vindo a crescer e as próprias teses de doutoramento são constituídas, em muitos casos, por conjuntos de artigos, que podem todos ter sido publicados após revisão por pares antes da própria defesa da tese. Verifica-se, de facto, uma crescente tendência para considerar que uma tese de doutoramento deve ser estruturada como um conjunto de artigos, ou pelo menos ser sustentada, no plano teórico e

substantivo, por capítulos publicados previamente, apresentados ou aprovados para publicação em revistas, enquadrados por um capítulo introdutório e outro, de conclusões. Esses artigos podem resultar de co-autorias, desde que o/a autor/a principal, identificado como tal, seja o autor da tese.

É importante, por isso, entender como se estabelece a cadeia de inscrições que vão dando conta dos diferentes momentos do processo de investigação e de como, a partir delas, se constrói o texto que será convertido em artigo.

### **O artigo científico é uma fraude?**

Noutro lugar (Nunes, 2007), comentei o tema da presença/ausência, nos textos científicos e em particular nos artigos científicos, do sujeito da investigação. Vale a pena retomar e ampliar algumas das reflexões propostas nessa ocasião sobre o artigo científico enquanto exemplar das inscrições que definem as versões oficiais — publicadas, no sentido de serem tornadas públicas — da investigação e da partilha dos seus resultados.

Em 1963, Sir Peter Medawar, prémio Nobel da Medicina pelos seus trabalhos no campo da imunologia, realizou uma palestra radiofónica, transmitida pela BBC, com o provocatório título «Is the scientific paper a fraud?» (Será o artigo científico uma fraude?). Medawar não se referia a situações em que o artigo incluiria resultados fraudulentos ou manipulados e conclusões que induziriam em erro quem o lesse. O seu comentário interpelava a atribuição ao artigo científico da condição de relato que permitiria ao leitor ou à leitora aceder à atividade científica e ao modo como teriam sido produzidos os resultados nele apresentados. O termo «fraude» referia-se, mais precisamente, ao que Medawar considerava ser um relato equivocado do que era a atividade científica.



A argumentação de Medawar inclui, num primeiro momento, uma descrição da estrutura canónica do artigo científico. Vale a pena segui-lo nesse passo:

Primeiro, uma chamada «Introdução», em que simplesmente se descreve o campo geral em que vão ser exercitados os talentos científicos [do autor], seguida por uma secção chamada «trabalho anterior» [os termos hoje usados são outros, como «estado da arte», ou «revisão da literatura»], em que o autor reconhece, com mais ou menos boa vontade, que outros apontaram vagamente para as verdades fundamentais que agora vão ser expostas. Depois, uma secção de métodos — certo. A seguir vem a secção de «resultados». A secção chamada «resultados» consiste numa série de informações factuais em que é considerado inadequado, sob o ponto de vista formal, discutir o significado dos resultados obtidos. O autor tem de fingir, por assim dizer, que a sua mente é um receptáculo virgem, um contentor vazio para a informação que flui do mundo exterior por razões que o próprio autor não revelou. A avaliação das provas científicas é reservada para a secção de «discussão», e na discussão o autor adopta a posição ridícula de perguntar a si próprio se a informação coligida tem algum significado, de perguntar a si próprio se irá emergir alguma verdade fundamental da contemplação de todas as provas que brandiu na secção chamada «resultados» (Medawar, 1996: 33–34).

Medawar recorre a um género disponível no elenco das tecnologias literárias das ciências — a palestra radiofónica, depois convertida em artigo — para denunciar os equívocos associados ao artigo como género, em particular a ideia de que o artigo seria um relato rigoroso do processo de produção do conhecimento científico. A sua argumentação inclui uma caracterização da estrutura típica do artigo e de algumas das suas estratégias de exposição e dos recur-

tos retóricos mobilizados — identificando, sem as designar como tais, as modalizações do texto que permitem despojá-lo de qualquer referência a pressupostos, proposições, inclinações ou preferências teóricas ou metodológicas de quem o escreve. A exigência de objectividade que acompanha a escrita científica é, assim, identificada como neutralização de qualquer sinal de presença ou interferência de quem investiga no processo de produção de conhecimento, excepto enquanto executor das regras do método, devidamente referidas em secção própria. Um dos passos mais peculiares da crítica de Medawar é, justamente, a sua referência a essa secção sobre o método — aquela em que a produção científica pode ser reconhecida como uma forma de atividade envolvendo o trabalho de participantes humanos — arrumada com um simples «está bem».

Mas o veredicto final é claro: o artigo científico não é uma exposição fidedigna da atividade científica. Essa exposição exige um outro tipo de tecnologia literária, baseada no que, de maneira ampla, pode ser designado como reconstrução racional da atividade científica. A linha de argumentação principal que Medawar vai seguir apoia-se na obra de Karl Popper e, em particular, na sua concepção do conhecimento científico — e do próprio critério que permite reconhecer e validar o que conta como ciência — como um processo de conjecturas e refutações, de produção de enunciados susceptíveis de serem falsificados através de procedimentos experimentais ou de observação.

A pergunta, contudo, é se essa reconstrução racional faz justiça à atividade científica, resgatando o que o artigo científico elimina ou silencia. Para Medawar, o que está em causa não é a exigência de uma descrição detalhada e indexical — referida ao contexto e ao processo do trabalho científico —, mas de um modo de vincular a pesquisa de que o artigo dá conta com o que permite reconhecer o significado e a relevância daquilo que é reportado. O caminho que Medawar segue é o da reconstrução da lógica da pesquisa a partir de uma posição epistemológica específica, a de Popper.

Mas Medawar responde ao que considera os equívocos do artigo científico com um outro equívoco sobre as virtudes dessa reconstrução da actividade científica a partir de uma leitura ancorada, não num relato das práticas da pesquisa, incluindo os processos de inscrição que culminam no artigo científico, mas na invocação — para usar os termos de Popper — de uma lógica da pesquisa fundada numa opção epistemológica. Daqui decorrem duas outras ausências do comentário de Medawar: se a sua intenção era alegar a incapacidade de o artigo científico dar conta da verdade da atividade científica e do que valida o conhecimento que ela produz, falta mostrar, em primeiro lugar, qual o percurso que leva da atividade científica a esse género particular que é o artigo e, em segundo lugar, por que é que o artigo ocupa — como continua a ocupar hoje — o lugar cimeiro na hierarquia dos géneros em que se inscrevem/escrevem os resultados públicos da ciência.

O propósito deste capítulo não é o de responder a essas duas ausências, mas explorar, a partir de outros pontos de entrada, a questão da relação entre a experiência da investigação e os relatos «autorizados» desta, que por sua vez suscitam um problema que as normas e modalizações dos géneros dominantes da escrita científica tenderam a invisibilizar: o da (atribuição de) autoria dos textos que formalizam os relatos da investigação. O tema tornou-se premente no momento atual, não só devido à complexidade e à importância crescente da relação entre determinação/atribuição/reconhecimento de autoria e propriedade intelectual, mas também sobre a determinação da relação entre contribuição para/participação no processo de investigação e atribuição e reconhecimento de (co-)autoria, e sobre o crescimento de formas de fragmentação da autoria e de *ghost writing*, que, sendo encontradas sobretudo em áreas como a medicina (Sismondo, 2018), podem vir a estender-se a outras áreas científicas, incluindo as ciências sociais e as humanidades.

## A investigação, a inscrição/escrita e a publicação

À pergunta que servia de título ao artigo de Medawar podemos responder negativamente: o artigo científico não é uma fraude. Ele é elaborado de acordo com as normas e o estilo que são adequados a esse gênero literário e validado segundo os critérios que lhe são próprios. O artigo científico não pretende ser um relato do processo de pesquisa ou da reconstrução racional desta a partir de uma posição epistemológica determinada. A sua estrutura, estilo e recursos retóricos mobilizados procuram precisamente a eliminação dos traços do que Nigel Gilbert e Michael Mulkay (1984), apoiando-se nos conceitos elaborados para a análise do discurso científico, designam como reportório contingente das inscrições resultantes do trabalho científico — com todas as hesitações, incertezas, tentativas e erros, resultados negativos, flexibilidade interpretativa e outras marcas de um processo sem resultados garantidos —, de forma a construir o reportório empírico, oficial, do conhecimento validado e público que resulta desses processos, recorrendo a um estilo impessoal, centrado na apresentação de resultados da investigação com as características identificadas e discutidas por Medawar.

Os artigos e outros relatos produzidos a partir desse processo inscrevem os seus resultados através de modalizações do texto que podem eliminar os traços específicos do trabalho de produção do conhecimento de que pretende dar conta. Mas haverá então espaço para que alguma forma de relato (*account*) desse processo, com as suas incertezas, contingências, inflexões, ajustamentos, negociações, sucessos e frustrações, com toda uma densidade semiótica-material que procure fazer justiça ao trabalho e às circunstâncias da sua produção, dar conta dos silêncios, omissões, invisibilizações e supressões geradas pelas condições de validação do conhecimento produzido dentro dos limites estabelecidos pelas formas canônicas

da escrita científica? Como pode a experiência da pesquisa encontrar modos de se mostrar na escrita que produz artigos ou teses?

Os relatos dos processos de produção do conhecimento exigem outro tipo de escrita, outros géneros e outras formas de pesquisa, como o relato autobiográfico, a reconstrução histórica, a pesquisa etnográfica ou o jornalismo de investigação.

A clarificação dos objetivos, dos leitores, dos limites e das possibilidades associadas a diferentes géneros não torna impossível a transgressão ou a inovação formal, mas obriga a ter em conta que um texto/retrato que tem como destino a publicação é sempre um texto para um público, seja um público-alvo previamente definido (como um júri de tese, um painel de avaliadores, um conselho editorial, o público de um encontro científico, o(s) destinatário(s) de um projeto) ou um público de não-especialistas.

Finalmente, a publicação está hoje sujeita a constrangimentos materiais que condicionam o reconhecimento de um texto como texto científico, desde o pagamento de taxas para acesso à avaliação para obtenção de um grau académico às várias formas de condicionamento financeiro da apresentação e/ou publicação sob forma de artigo ou livro. Esta situação reforça, por sua vez, constrangimentos formais associados às condições de viabilidade económica ou comercial da publicação, como a dimensão ou a necessidade de adaptação editorial do texto, de forma a torná-lo mais acessível a não-especialistas.

## **Do mundo à escrita**

O que acontece ao mundo que é excluído ou invisibilizado pela escrita? O que sucede com aqueles e aquelas que, sendo protagonistas dos mundos e dos processos que convertemos em temas e terrenos de investigação, são reduzidos, através de um processo de

extrativismo cognitivo, à condição de informantes ou de actantes em narrativas que são elaboradas e orquestradas, afinal, por quem escreve e é reconhecido/a na sua condição de autor/a?

Nas ciências sociais e humanidades, em particular, as pessoas que investigam deparam com fenómenos que não são redutíveis a descrições pela escrita ou que não podem ser «fixados» pelos procedimentos de inscrição que são geralmente mobilizados no quadro da pesquisa científica e académica. Como nos têm lembrado Boaventura de Sousa Santos (2018), Jean Lave (2019) e, já em 1959, Wright Mills, o processo de investigação tem muito em comum com os modos de aprendizagem próprios das práticas artesanais, envolvendo uma trajetória pessoal de passagem da condição de participante periférico a participante pleno ou central num mundo que se procura conhecer (Lave), e de criação de artesanias de práticas que permitem criar os saberes situados, colaborativos e reflexivos, atentos às experiências, às lutas e aos conhecimentos delas nascidos (Santos).

O envolvimento e a colaboração crescentes de pesquisadoras/es com comunidades, grupos e movimentos vulnerabilizados e marginalizados, com situações e contextos caracterizados pela exclusão abissal, pela negação da humanidade dos e das que neles habitam (Santos, 2018), torna cada vez mais urgente e necessária a criação colaborativa e não-extrativista de formas de conhecimento vinculadas às experiências, resistências e lutas desse Sul que é também um Sul epistémico (Santos, 2014, 2018). É através de cadeias de inscrições e da escrita «autorizada» pela ciência e pela instituição académica que o epistemicídio e o que tem sido designado de «perceticídio» — a supressão de formas de experiência que não são inteligíveis para o cânone epistemológico — encontram um terreno fértil. Por isso importa que o processo de investigação que produz inscrições e o processo de escrita que as organiza em géneros reconhecíveis no contexto científico e académico sejam capazes de incorporar as

interrogações e preocupações que permitem o envolvimento ativo, de escuta profunda e atenção ao que não se conhece ou não parece inteligível, com o mundo que se procura conhecer (Nunes, 2008).

- Como dar conta das diferenças, da heterogeneidade e das histórias múltiplas que surgem do encontro com o campo ou com o arquivo? Como inscrever as relações de poder, as invisibilizações e as supressões que são irreconhecíveis para as teorias, quadros conceptuais e metodologias convencionais (Law, 2002, 2004)? O que se perde no trajeto que leva do campo/arquivo à escrita?
  
- Como lidar com a propensão para assumir a posição do investigador/autor como «engenheiro heterogéneo» (Law, 2002), que decreta as presenças e as ausências, as visibilidades e as invisibilidades, que vão permitir criar uma coerência que é feita também dessas ausências e invisibilidades, tantas vezes sobredeterminada pelas opções teóricas e metodológicas? Como passar da procura de uma coerência excludente, própria do pensamento abissal (Santos, 2018), à coerência fracional do «mais do que um, menos do que muitos» (Law, 2002: 2)? Entramos sempre no meio dos processos que pretendemos estudar (Deleuze e Guattari, 1980) e, por isso, a procura da coerência que se associa aos textos científicos terá sempre de reconhecer a situacionalidade e a parcialidade das práticas de produção de conhecimento e de escrita: «As mãos de quem escreve nunca estão limpas» (Law, 2002: 2). Não há ponto de vista sobre os pontos de vista, como queria Bourdieu, nem o narrador onisciente do estilo indireto livre, nem «olhar de Deus», como lembrou Donna Haraway (1991). Isto vale para toda a cadeia de inscrições que culmina na produção da tese ou do artigo.

- O que fazer então com o excesso? Descentrar o sujeito da enunciação, mas também descentrar o(s) sujeito(s)/objeto(s) da investigação, produzir versões múltiplas da realidade, que interferem num processo que resulta em coerência fracional; dar conta das singularidades que emergem desse encontro de multiplicidades (Mol, 2002). A obsessão da coerência abre o caminho a versões academicamente respeitáveis do que se pode descrever como teorias da conspiração. Nas ciências sociais, estas assumem a forma de sobredeterminação pela teoria ou pela submissão a um projeto — o que Law (2004) descreve como «*projectness*» — definindo exclusões, eliminações e conexões. Esta é a lição que pode ser tirada da ficção de Umberto Eco, em romances como *O pêndulo de Foucault* (2017) ou *O cemitério de Praga* (2011), e que Luc Boltanski (2012) e John Law (2004) trouxeram para a reflexão sociológica.
  
- Como podemos aprender a lidar com essa heterogeneidade de modo a produzirmos textos sensíveis à coerência fracional dos processos que estudamos e de que pretendemos dar conta? Como dar conta das diferentes vozes e existências que são reconhecidas ou silenciadas, mas sem as quais nenhum texto científico pode vir a existir? Que realidades são criadas a partir das diferentes formas de lidar com a heterogeneidade? E com a tensão entre continuidades e descontinuidades? Por outras palavras, qual a política ontológica dos textos científicos e académicos, com o seu poder de nomear e decretar existências e não-existências, saberes e não-saberes, relevâncias e irrelevâncias, hierarquias e exclusões?
  
- Como escrever, então, de maneira a respeitar as conexões parciais, a coerência fracional, o descentramento do sujeito da enunciação e do objeto enunciado, «*Como devemos/podemos*



*escrever?* Como poderemos escrever sobre a multiplicidade de um modo que também produza os efeitos da singularidade? Ou sobre a singularidade de um modo que não apague o que realiza a multiplicidade?» (Law, 2002: 4). Como contar as diferentes histórias que o processo de investigação e as inscrições que produz fazem aparecer e que se encontram ou interferem? Como dar conta tanto das linhas de força como das linhas de fuga que as desafiam (Deleuze e Guattari, 1980)?

As respostas que têm surgido a estas interrogações apresentam uma diversidade e uma riqueza a que os limites deste capítulo não permitem fazer justiça. O que vale a pena sublinhar é a sua procura de maneiras de produzir conhecimento que partam das experiências e da identificação de problemas e interrogações ancoradas nas vidas e nas lutas de grupos, comunidades, povos e movimentos sociais, que enfrentam situações de exclusão, violência, sofrimento injusto, opressão e exploração. A perspectiva das Epistemologias do Sul, que parte da obra de Boaventura de Sousa Santos (2014, 2018), coloca no centro essa procura, submetendo as teorias, quadros conceptuais e metodologias convencionais a operações críticas que procuram identificar a produção de ausências através de exclusões, silenciamentos, desqualificações e supressões que reduzem a diversidade do mundo ao que é reconhecível e inteligível pelas epistemologias dominantes, de matriz eurocêntrica. É a partir dessa operação de sociologia das ausências que se torna possível, através de metodologias não-extratvistas e colaborativas, aprender a conhecer e reconhecer a riqueza de saberes e de experiências que permitem que outras histórias sejam contadas, através de formas de expressão que vão para além da escrita validada pelos cânones científico e académico (Santos, 2018). Este capítulo não tem outra ambição senão a de contribuir para abrir os espaços de experimentação a que nos convidam essas outras histórias e experiências.

## Referências bibliográficas e sugestões de leitura

- Ashmore, M. (1989). *The Reflexive Thesis: Wri(hg)ting the Sociology of Scientific Knowledge*. Chicago: University of Chicago Press.
- Atkinson, P. (1990). *The Ethnographic Imagination: Textual Constructions of Reality*. London: Routledge.
- Bazerman, C. (2013). *A Rhetoric of Literate Action: Literate Action Volume 1*. Fort Collins, CO: The WAC Clearinghouse/Anderson, SC: Parlor Press.
- Becker, H. S. (1998). *Tricks of the Trade: How to Think About Your Research While Doing It*. Chicago: University of Chicago Press.
- . (2007). *Writing for Social Scientists: How to Start and Finish Your Thesis, Book, or Article* (2<sup>a</sup> ed.). Chicago: University of Chicago Press.
- . (2007). *Telling About Society*. Chicago: University of Chicago Press (trad. *Falando da sociedade: ensaio sobre as diferentes maneiras de representar o social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed., 2009).
- . (2014). *What About Murder? What About Mozart? Reasoning From Cases*. Chicago: University of Chicago Press.
- . (2017). *Evidence*. Chicago: University of Chicago Press.
- Boltanski, L. (2012). *Énigmes et complots. Une enquête à propôs d'enquêtes*. Paris: Gallimard.
- Clifford, J. & Marcus, G. (orgs.) (1986). *Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography*. Berkeley: University of California Press.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (1980). *Mille plateaux*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- Derrida, J. (1967). *De la grammatologie*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- Eco, U. (2017). *O pêndulo de Foucault*. Lisboa: Gradiva.
- . (2011). *O cemitério de Praga*. Lisboa: Gradiva.
- Faubion, J.D. & Marcus, G. E. (orgs.) (2009) *Fieldwork Is Not What It Used to Be: Learning Anthropology's Method in a Time of Transition*. Ithaca: Cornell University Press.
- Feyerabend, P. (1991). *Three Dialogues on Knowledge*. Hoboken, NJ: John Wiley and Sons.
- Gershon, I. (org.) (2015). *A World of Work: Imagined Manuals for Real Jobs*. Ithaca, NY: ILR Press.
- Gilbert, N.; Mulkay, M. (1984). *Opening Pandora's Box: A Sociological Analysis of Scientists' Discourse*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Ginzburg, C. (1986). *Miti, emblemi, spie. Morfologia e storia*. Torino: Giulio Einaudi Editori.
- . (1999). *History, Rhetoric, and Proof*. Hanover and London: University Press of New England.
- Griesemer, J.R. (2015). Sharing spaces, crossing boundaries. In G.C. Bowker et al (orgs.), *Boundary Objects and Beyond: Working with Leigh Star* (201–218). Cambridge MA: MIT Press.

- Haraway, D.J. (1991). *Simians, Cyborgs, and Women: The Reinvention of Nature*. London: Free Association Books.
- Hunter, A. (org.) (1990). *The Rhetoric of Social Research Understood and Believed*. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press.
- Latour, B. (1999). *Pandora's Hope: Essays on the Reality of Science Studies*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- . Woolgar, S. (1986). *Laboratory Life: The Construction of Scientific Facts*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Lave, J. (2019). *Learning and Everyday Life: Access, Participation, and Changing Practice*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Law, J. (2002). *Aircraft Stories: Decentering the Object in Technoscience*. Durham, NC: Duke University Press.
- . (2004). *After Method: Mess in Social Science Research*. London: Routledge.
- Medawar, P. (1996). *The strange case of the spotted mice, and other classic essays on science*. Oxford: Oxford University Press.
- Mills, C. W. (1959). *The Sociological Imagination*. New York/Oxford: Oxford University Press.
- Mol, A. (2002). *The Body Multiple: Ontology in Medical Practice*. Durham, NC: Duke University Press.
- . (2008). Política ontológica. In Nunes, J.A. & e Roque, R. (orgs.), *Objectos Impuros: Experiências em Estudos Sociais da Ciência* (63–77). Porto: Afrontamento.
- Nathan, T.; Isabelle Stengers, I; Lucien Hounkpatin, L. (1997). *La damnation de Freud*. Le Plessis-Robinson: Synthélabo/Les Empêcheurs de penser en rond.
- Nunes, J. A. (2007). O sujeito no texto: sobre auto-experimentação e reconstrução narrativa. *Revista de Comunicação e Linguagens*, 38,113–127.
- . (2008). O resgate da epistemologia. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 80, 45–70.
- Passos, E., et al, orgs. (2009/2014). *Pistas do método da cartografia*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2 vols.
- Santos, B.S. (2014). *O Direito dos Oprimidos*. Coimbra: Almedina.
- . (2018). *O Fim do Império Cognitivo: A afirmação das Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina.
- Sismondo, S. (2018). *Ghost-Managed Medicine; Big Pharma's Invisible Hands*. Manchester: Mattering Press.
- Stengers, I. (2001). *La guerre des sciences aura-t-elle lieu?* Paris: Les Empêcheurs de penser en rond/Le Seuil.
- Taylor, D. (2003). *The Archive and the Repertoire: Performing Cultural Memory in the Americas*. Durham, NC: Duke University Press (trad. *O arquivo e o repertório: Performance e memória cultural nas Américas*. Belo Horizonte: Editora UFMG).
- Taylor, P. J. & Szteiter, Jeremy (2012). *Taking Yourself Seriously: Processes of Research and Engagement*. Arlington, MA: The Pumping Station.